

O SÍNODO PAN-AMAZÔNICO: DESAFIOS E ESPERANÇAS



Dom Antônio de Assis Ribeiro, SDB

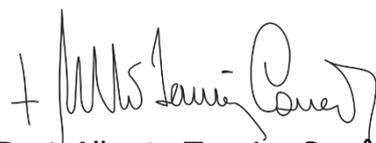
ARQUIDIOCESE DE BELÉM
ANO 2019

APRESENTAÇÃO

A Arquidiocese de Belém acolhe com grande alegria os Bispos da Amazônia e todas as pessoas envolvidas na realização do Encontro que antecede a realização da Assembleia Especial dos Bispos com o tema: "AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL". Agradecemos a Deus porque aqui mesmo em Belém, os Bispos da Amazônia Legal Brasileira elaboraram uma carta que sabemos ter sido decisiva para a resposta do Santo Padre o Papa Francisco, na forma de uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos. Agora, mais uma vez em Belém, acontece esta última reunião, também com a valiosa presença e participação de outras pessoas envolvidas no processo sinodal. Com certeza os padres sinodais poderão usufruir de todo o processo amplamente participativo vivido nos últimos meses, para levarem à Assembleia a riqueza de todas as contribuições chegadas às devidas instâncias.

Nossa Igreja de Belém tem a honra de oferecer o trabalho agora entregue aos participantes do encontro programado para estes dias. Foi um esforço feito com seriedade e competência por Dom Antônio de Assis Ribeiro SDB, Bispo Auxiliar de Belém, que reflete a amplitude de temas que nos provocam positivamente na procura de rumos para a Evangelização na Amazônia. Esperamos assim contribuir para que os padres sinodais estejam municiados de todos os instrumentos necessários à sua frutuosa participação no Sínodo, somando a tantas outras ajudas que certamente chegam de todas as partes.

Belém, 28 de agosto de 2019, Festa de Santo Agostinho.



Dom Alberto Taveira Corrêa
Arcebispo Metropolitano de Belém do Pará
Vice Presidente da CNBB – Regional Norte 2

Sumário

I. A AMAZÔNIA COMO LUGAR TEOLÓGICO E SEUS CLAMORES	6
____ Introdução:	6
____ 1. Urgências e discernimento.....	6
____ 2. A Amazônia é “lugar teológico”	6
____ 3. A Amazônia região de gritos	7
____ PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	7
II. ALGUNS CLAMORES ECLESIAIS INTERNOS	8
____ Introdução.....	8
____ 1. O necessário olhar para dentro	8
____ 2. Caminhos novos para a Igreja	8
____ 3. Alguns desafios internos.....	9
____ 4. Perene renovação interior	10
____ PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	10
III. RIQUEZAS E ALEGRIAS DA IGREJA	10
____ Introdução.....	10
____ 1. A diversidade de carismas na Amazônia.....	10
____ 2. O dinamismo da Igreja na Amazônia	11
____ 3. Riquezas e Alegrias da Igreja na Amazônia	11
____ PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	12
IV. O DESAFIO DA AUTOSSUSTENTABILIDADE ECLESIAL	12
____ Introdução.....	12
____ 1. Recursos do exterior	13
____ 2. Superar a manutenção do essencial	13
____ 3. O custo da evangelização na Amazônia	14
____ PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	14
V. A PROMOÇÃO VOCACIONAL E A FORMAÇÃO SACERDOTAL	15
____ Introdução.....	15
____ 1. Comunidades sem pastores	15
____ 2. Ministros ordenados autóctones	15
____ 3. Pistas para a promoção da cultura vocacional	15
____ 4. Qual estilo de formação sacerdotal?	16
____ 5. Qual estilo de formação?	16
____ PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	17
VI. OS CLAMORES DAS JUVENTUDES AMAZÔNICAS	17
____ Introdução.....	17

_____ 1. Dramas juvenis na Amazônia.....	17
_____ 2. As fontes dos problemas	18
_____ 3. A urgência de uma renovada Pastoral Juvenil.....	18
_____ PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	19
VII. IMPORTANTES ATITUDES ECLESIAIS	19
_____ Introdução.....	19
_____ 1. Sinais do Reino de Deus.....	20
_____ 2. As pastorais: encarnação na realidade.....	20
_____ 3. As pastorais: paixão pelo Reino de Deus.....	20
_____ 4. Importantes atitudes eclesiais.....	21
_____ PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	21
VIII. A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA PARA A PROMOÇÃO HUMANA	22
_____ Introdução.....	22
_____ 1. Evangelização e promoção humana.....	22
_____ 2. Referências fundamentais	22
_____ 3. A complexidade da Amazônia	23
_____ 4. A Igreja e outros sujeitos	23
_____ PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	24
IX. A PROMOÇÃO HUMANA E SUAS EXIGÊNCIAS.....	24
_____ Introdução.....	24
_____ 1. A contribuição ética da Igreja	24
_____ 2. Amazônia: Galileia da Igreja	24
_____ 3. A Amazônia e suas necessidades específicas.....	25
_____ 4. Anúncio, diálogo e denúncia	25
PARA A REFLEXÃO PESSOAL:	26
X. PISTAS, LINHAS DE AÇÃO, AGENDA DE COMPROMISSOS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	29

I. A AMAZÔNIA COMO LUGAR TEOLÓGICO E SEUS CLAMORES

Introdução:

No dia 15 de outubro de 2017, o Papa Francisco anunciou a convocação de um Sínodo Especial para a Pan-Amazônia. Participarão desse Sínodo bispos e peritos que trabalham na grande região Amazônica, além de muitos convidados especiais.

A Pan-Amazônia é uma vasta área geográfica, com grandes florestas e clima tropical, envolvendo os seguintes países: Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, Bolívia, Guiana Inglesa, Guiana Francesa e Suriname. A maior parte da Amazônia está em território brasileiro.

Desde a data do anúncio desse importante evento eclesial, iniciou-se uma enorme mobilização em vista do processo de preparação dessa grande Assembleia. Um intenso processo de escuta foi articulado nos diversos países por meio de centenas de reuniões, assembleias, roda de conversas, simpósios e seminários.

O processo de escuta culminou com a elaboração do documento "Instrumentum Laboris" que é fruto desse longo caminho de estudo e partilha de preocupações. Todavia, as discussões continuam! Tudo vai desembocar na grande assembleia dos bispos, em Roma, que se iniciará no dia 06 e terá a sua conclusão no dia 27 de outubro deste ano.

1. Urgências e discernimento

Por se tratar de um tema tão específico e, ao mesmo tempo, profundamente complexo nas suas mais variadas realidades, o referido Sínodo dos Bispos deverá ser um instrumento privilegiado de escuta do Povo de Deus.

Por isso, o papa Francisco pede orações: "Para os Padres sinodais pedimos, antes de mais nada, do Espírito Santo, o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama" (Introdução: Instrumentum Laboris).

Há séculos a Amazônia vem sendo lugar de exploração em diversas dimensões: no solo, na água, na fauna e na flora; a Amazônia é depredada na economia, na cultura e em seus povos; a Amazônia é pouco considerada nas ciências, na tecnologia e é foco de corrupção na política. Não é à toa que, infelizmente, a Amazônia acolhe em seu interior a maior parte da população mais pobre da América do Sul.

Além da urgência ambiental, para a Igreja Católica, a Amazônia é muito mais que um mero território; é também um lugar teológico, onde Deus se revela para quem tem fé e percebe seus sinais. Mas a Amazônia é também lugar de fortes gritos de sofrimento e sinais de esperança.

2. A Amazônia é "lugar teológico"

Nela Deus se revela na beleza e na exuberância da natureza; na originalidade e riqueza dos povos e culturas!

Na Amazônia, Deus revela a sua generosidade na fonte abundante de recursos minerais na fauna e na flora. Deus se manifesta na abundância das águas e riqueza de alimentos; Deus pode ser contemplado nas virtudes dos povos, sobretudo, a acolhida, a paciência e a serenidade. Na Amazônia, a presença divina pode ser contemplada na profunda sensibilidade religiosa dos povos nativos, na forte religiosidade popular, na sensibilidade das pessoas e na fineza das artes.

Na Amazônia, Deus se revela através da história e da santidade de milhares de missionários, sacerdotes, religiosos e leigos que gastaram suas vidas e ou derramaram seu sangue na promoção do Reino de Deus. Na Amazônia Deus se revela através de milhares de pessoas, líderes sociais, organizações religiosas, movimentos sociais e eclesiais, pastorais e associações que lutam com coragem em defesa da vida, promovendo a justiça e a paz.

3. A Amazônia região de gritos

A Amazônia é também lugar onde se pode ouvir gritos! Como no Gênesis após o assassinato de Abel: "Ouçó o sangue do seu irmão, clamando da terra por mim" (Gn 4,10); e no Egito quando o povo israelita padecia a escravidão: "Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos" (Ex 3,7).

Na Amazônia há muitos clamores: há o grito dos pobres explorados nas fazendas, expulsos de suas terras e ameaçados em sua subsistência; há gritos de migrantes, vítimas do êxodo rural, desabrigados nas grandes cidades, amontoados nas periferias. Na Amazônia, há o grito das populações indígenas vítimas da ganância do agronegócio predador, do imperialismo econômico, dos preconceitos e da falta de assistência digna na saúde, na educação e na política.

Na Amazônia, ouvimos o brado de milhões de jovens vítimas do tráfico e do consumo de entorpecentes, viciados e escravos da criminalidade organizada; semianalfabetos, desempregados e sem digna formação profissional. Na Amazônia, ecoa o berro da alienação popular, do enfraquecimento do protagonismo dos povos, da alienação, do messianismo, da demagogia populista, do clientelismo político, da dependência das bolsas do governo.

Da Amazônia ressoa pelo mundo afora a gravidade do desmatamento, o envenenamento das fontes hídricas, a extinção de espécies (da fauna e da flora), a desordenada e violenta exploração mineral.

Na Amazônia, grita o caboclo com escassa possibilidade de investimento no campo, a inexpressividade da economia solidária e a frágil economia familiar devidamente assistida.

Na Amazônia clamam os direitos humanos por causa da impunidade, da exploração trabalhista no campo; grita o Estado, combalido por causa da corrupção nos órgãos públicos, do desperdício de recursos, da miopia na gestão do bem comum e escassez de investimentos preventivos. (continua)...

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

- 1.** Qual é a sua visão sobre a Pan-amazônia?
- 2.** O que você entendeu sobre a "a Amazônia como lugar teológico"?
- 3.** Quais gritos da Amazônia você ouve no seu cotidiano amazônico?

II. ALGUNS CLAMORES ECLESIAIS INTERNOS

Introdução

Considerando as peculiaridades, beleza, riqueza e potencialidades da Amazônia, em diversas dimensões, ela é lugar de contemplação de Deus! Todavia, como refletimos no artigo anterior, analisando seus muitos problemas humanos e ambientais, a Amazônia é também um coro que emite gritos clamorosos, tornando-se uma verdadeira orquestra de lamentações por causas de tantas ameaças à vida!

Nesta reflexão nosso olhar se volta para a própria Igreja. Também, a Igreja Católica na Amazônia está com diversos desafios e fragilidades. Um olhar para os desafios externos, socioambientais, sem considerar as fragilidades internas eclesiais poderia soar um discurso hipócrita.

1. O necessário olhar para dentro

É necessário, honestamente, um sincero olhar interior. Caso contrário, corremos o grave perigo do desvio da nossa identidade e missão, enquanto Igreja. Uma das grandes e mais fortes tentações do próximo Sínodo, pode ser aquela de uma exagerada atenção aos problemas socioambientais, sendo insuficiente a reflexão sobre a identidade e a missão da Igreja na Amazônia.

O Sínodo é também uma ocasião para um maior avivamento da consciência de identidade da Igreja na Amazônia, para aprofundar sua consciência vocacional, sua sensibilidade, princípios fundamentais, seus valores, atitudes ético-pedagógicas e fragilidades internas.

Diante de sua vocação, a Igreja deve ser honesta consigo mesma, e levar a sério aquilo que, especificamente depende dela (guiada pelo Espírito), mas sem perder a visão da totalidade da missão e nem seu dinamismo profético.

2. Caminhos novos para a Igreja

O tema do Sínodo pede a busca de "novos Caminhos para a Igreja"; portanto, deve retomar a reflexão sobre a sua identidade e missão. Por isso, é importante evidenciar os diversos desafios internos que temos como Igreja na Amazônia. Não podemos negá-los!

A frase "caminhos novos para a Igreja" nos leva a pensar no dinamismo e na qualidade da vivência da sua missão e identidade; perseguir "caminhos novos para a Igreja" requer a consciência do dever da honesta autoavaliação.

A busca de "caminhos novos para a Igreja na Amazônia" nos estimula a pensar na necessidade da ousadia encarando, em primeiro lugar, os desafios internos; os "caminhos novos para a Igreja" nos pedem a capacidade de reconhecimento de métodos e meios obsoletos que exigem mudanças.

Os "caminhos novos para a Igreja" é uma necessidade apontada pelo Espírito (cf. Ap 3,6); Ele é o portador das autênticas novidades para a fidelidade a Jesus, seu Senhor (cf. Jo 14,26). O Espírito da Verdade faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5).

3. Alguns desafios internos

Com olhar crítico percebemos uma significativa lista de fragilidades internas na Igreja presente na Amazônia, que deve ser analisada com sabedoria no próximo Sínodo. Vejamos alguns:

- A fragilidade do sentido de pertença dos católicos, por isso se fala de uma grande massa de “católicos não praticantes” (não é só na Amazônia);
- A ignorância bíblica que revela um enorme percentual de católicos (acima dos 80%), que nunca leram os evangelhos, não conhecem a Jesus Cristo e são enganados;
- O desconhecimento da doutrina católica gerando um forte sincretismo religioso no catolicismo e a grande maioria não se faz problemas;
- A fragilidade da catequese que, tradicionalmente, não consegue promover uma séria Iniciação à Vida cristã; ainda temos uma forte pastoral de eventos;
- Há entre os católicos uma grande superficialidade na compreensão das exigências batismais, e quase ausência da percepção de nexos com as questões morais e sociais;
- É sentida uma insuficiente e quase inexpressiva consciência missionária por parte da grande maioria dos batizados católicos;
- Ainda é muito frágil a cultura da formação dos leigos, na capacitação teológica e liderança; temos pouquíssimos leigos preparados e disponíveis para a pregação;
- As comunidades católicas precisam crescer na promoção de uma verdadeira cultura da acolhida e do envolvimento comunitário fraterno;
- Em diversos níveis de contextos eclesiais e institucionais, há grave fragilidade da pastoral de conjunto que favorece a fragmentação das iniciativas pastorais;
- Há um grande déficit de sacerdotes na Igreja da Amazônia; isso provoca a ausência da Eucaristia na maioria das comunidades católicas; há muitas questões relacionadas a esse tema: a pastoral vocacional, a formação sacerdotal, a solidariedade missionária entre as dioceses, a promoção dos ministérios laicais;
- A questão da sustentabilidade financeira da evangelização é outra questão séria, que exige promoção da corresponsabilidade dos católicos (dízimo);
- Há de modo geral, um gradual envelhecimento dos tradicionais movimentos eclesiais, como por exemplo, o Apostolado da oração, Legião de Maria e etc;
- Ainda é frágil, entre as lideranças de base das comunidades, movimentos, pastorais a assimilação do Documento de Aparecida, da Evangelii Gaudium e da Encíclica Laudato Si;
- O crescimento do neopentecostalismo se deve, em grande parte, à ausência (ou esparsa e frágil presença) Católica organizada, nas periferias, vilas do interior e novas ocupações habitacionais nas cidades; somos demasiadamente lentos!

- Conflitos de pensamentos, sensibilidade, linguagem, posturas, mostrando falta de sinergia em certos casos envolvendo lideranças de diversos níveis eclesiais (isso também se deve ao não conhecimento da diversidade dos nossos contextos e influxos ideológicos).

4. Perene renovação interior

Seria profundamente incoerente pensarmos numa “Igreja profética e guerreira” diante dos problemas sociais, mas internamente frágil. Isso não é possível! A promoção da conversão das estruturas sociais nos compromete, antes de tudo, na conversão eclesial.

A Igreja se renova a partir da sua fidelidade a Jesus Cristo, pois a sua Igreja significa antes de tudo, crescer na fidelidade à sua própria vocação (cf. EG, 26-27). Como peregrina neste mundo a Igreja é chamada por Cristo a estar em perene processo de renovação. (continua!)

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

1. Para você o que significa a expressão “caminhos novos para a Igreja na Amazônia”?
2. Em sua opinião quais são as três fragilidades mais graves, dentre aquelas citadas?
3. Quais outras fraquezas eclesiais você elencaria?

III. RIQUEZAS E ALEGRIAS DA IGREJA

Introdução

Após termos refletido sobre os gritos socioambientais e os clamores eclesiais, falemos um pouco sobre as riquezas e alegrias da Igreja na Amazônia. A diversidade dos contextos sociais, étnicos, históricos, teológicos, pastorais, culturais, políticos, econômicos, ambientais e religiosos, não nos permite uma abordagem exaustiva sobre todas as riquezas. Certo, é que angústias e alegrias caminham juntas!

Não tenho dúvidas de que temos mais grandezas do que fragilidades, mais alegrias do que tristezas, mais esperança do que lamentos, mais futuro do que passado em relação à vida da Igreja na Amazônia. A Igreja na Amazônia tem características próprias que marcam profundamente a vida dos católicos que dela participam, aqui vivem e ou vieram de fora como missionários.

1. A diversidade de carismas na Amazônia

A Amazônia foi evangelizada através de uma variedade de carismas religiosos; essa é uma marca da sua história que sempre esteve presente e tem dado grande apoio e, em alguns contextos, ainda garante a animação e a sustentabilidade da Igreja.

As diversas congregações (Capuchinhos, Carmelitas, Jesuítas, Mercedários, Dominicanos, Ordem dos Frades Menores, Salesianos, Agostinianos, Cruzios, Verbitas, Missionários do Sangue de Cristo, Xaverianos, Espiritanos, Barnabitas, Oblatos...) deram no passado e ainda hoje, uma grande contribuição para a evangelização da Amazônia. Os primeiros missionários, aos poucos, ao longo dos séculos, foram navegando os rios, embrenhando-se nas matas, batizando, catequizando, formando comunidades. Nasceram assim as primeiras comunidades, paróquias, prelazias, dioceses e arquidioceses.

No ramo feminino, centenas de congregações atuaram e continuam servindo com seus carismas e variedade de serviços enriquecendo a beleza da Igreja na promoção do Reino de Deus. Vale a pena recordar que a Amazônia também é berço de muitas congregações e institutos religiosos.

Algumas que aqui nasceram já ganharam o mundo e fazem-se presentes em outros continentes. A semente do Evangelho lançada na terra foi acolhida, germinou, brotou, cresceu e continuando dando bons frutos (cf. Mc 4,8).

2. O dinamismo da Igreja na Amazônia

A rica contribuição da Vida Religiosa, como Igreja na Amazônia, proporcionou a paciente gestação de muitas prelazias e dioceses. Por outro lado, sempre abrilhantou a beleza da presença da Igreja com uma enorme variedade de atividades e obras ao longo destes séculos de evangelização da Amazônia brasileira.

Quem for escrever a história do desenvolvimento humano na Amazônia, por honestidade histórica, deverá falar da grande contribuição da Igreja Católica, por meio das Congregações, com suas mais variadas atividades como: a promoção da educação, da saúde, defesa da cultura indígena, formação de lideranças, estímulo ao uso da tecnologia, melhoria nos transportes, agricultura, pecuária, indústria, capacitação profissional, construção estradas, pontes, portos e aeroportos.

3. Riquezas e Alegrias da Igreja na Amazônia

- A história é a nossa primeira alegria, marcada por tanto pioneirismo, sensibilidade humana, ousadia, investimentos, vidas gastas e, em diversos casos, sangue derramado;
- A Igreja na Amazônia tem maravilhosos testemunhos de missionários, sacerdotes, religiosos (as), bispos e leigos, santos e mártires;
- Por todos os lugares encontramos em nossas comunidades, nas cidades e na zona rural, uma grande massa de crianças, adolescentes e jovens;
- Durante todos os meses, em geral, muitas de nossas paróquias celebram o sacramento do batismo de novos membros;
- Todos os anos, milhares de crianças que fazem a Primeira Comunhão e recebem o sacramento Crisma em nossas paróquias; sinal do vigor da catequese;
- Nossas liturgias em geral, são alegres, vivas, cheias de vitalidade e participação;
- Temos uma Igreja que, através das pastorais e líderes de diversos níveis, se manifesta profundamente comprometida com a defesa, tutela e promoção da dignidade humana;
- A Igreja na Amazônia tem compromissos diferenciados na luta em prol do meio ambiente, do direito dos trabalhadores sem terra, dos pescadores, dos ribeirinhos, dos seringueiros, indígenas, agricultores, populações quilombolas, moradores de rua;
- A Igreja na Amazônia gosta de celebrar festivamente seus padroeiros através de muitas atividades evangelizadoras: novenas, quinzenas, procissões, terços, ladainhas, arraiais;

- Temos uma Igreja com profundo senso comunitário, fraterno, solidário, por isso, promove mutirões e campanhas em prol de causas comunitárias, onde em geral, todos se envolvem;
- A Igreja na Amazônia é dinâmica e dá especial atenção a eventos reflexivos tais como, romarias, assembleias (por exemplo, a romaria terra, das CEBs, da floresta);
- Nossa Igreja tem forte sensibilidade social evidenciado através do serviço desenvolvido pelas Cáritas Diocesanas, CIMI, CPT, Comissão Justiça e Paz, Pastoral da Criança etc;
- A Igreja na Amazônia conta com uma especial força feminina, materna e mariana;
- Crescem na Amazônia as vocações sacerdotais, religiosas e consagradas autóctones, conta com alguns bispos nascidos na região e cresce o número de sacerdotes indígenas;
- Há um contínuo esforço para o fortalecimento da corresponsabilidade dos católicos em vista da promoção da autossustentabilidade das prelazias e dioceses;
- A grande maioria das dioceses e prelazias tem Centros de formação, Casas de retiros, Seminários (ou Faculdade Católica);
- Em todas as comunidades e paróquias percebemos um forte protagonismo dos leigos;
- Cresce em geral a sensibilidade e a cultura missionária (em muitas dioceses e paróquias realizam-se as Santas Missões Populares);
- De modo geral nas dioceses e cresce o número de diáconos permanentes;
- Em todas as dioceses e prelazias há forte sensibilidade para com a comunicação através das rádios, canais de TV, jornal impresso (folheto ou revista), presença nas Redes Sociais.

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

1. Quais das Congregações e Carismas você conhece? O que você admira neles?
2. Quais outros aspectos positivos você percebe em nossa Igreja?
3. O que podemos fazer para promover mais a corresponsabilidade dos leigos e a promoção das vocações sacerdotais?

IV. O DESAFIO DA AUTOSSUSTENTABILIDADE ECLESIAL

Introdução

A Igreja Católica na Amazônia, em termos patrimoniais e em relação às fontes de captação de recursos financeiros, é a mais pobre do Brasil. Basta dar uma olhada na prestação de conta anual da arrecadação da Campanha da Fraternidade, exposto em cada texto base, para termo uma visão da realidade.

A questão econômica para a sustentabilidade da evangelização das Igrejas particulares na Amazônia é acenada no Instrumento Laboris (N. 83); a carência de recursos financeiros

gera um grave impacto na vida pastoral, como a aquisição de poucos meios necessários e redução de novas iniciativas pastorais.

Se ainda hoje a situação econômica das dioceses e prelazias é difícil, imaginemos dezenas de anos atrás. Um clamoroso exemplo encontramos numa carta circular do primeiro Bispo da Prelazia do Rio Negro, Dom Pedro Massa (SDB) datada de 25 de dezembro de 1935: "é necessário reduzir as despesas de cada Missão, diminuir um pouco mais os pedidos, aproveitar os recursos locais da lavoura e mesmo da pecuária a fim de equilibrar a situação. Já tomei com todos eles as medidas necessárias: ninguém estranhe, pois se houver mais um pouco de economia e a redução sensível das despesas. Façamos todos de boa vontade e alegremente os sacrifícios, que a situação nos possa pedir e cada um se esforce de seu lado nesse sentido".

Noutra carta, de 24 de abril de 1942, o mesmo pastor declara: "os nossos recursos financeiros, não somente não aumentaram, mas como já escrevi, são desfalcados de todos os auxílios que nos vinham da Europa, de modo que, se cada Diretor e cada Irmão não tomar providências adequadas, impostas por esta gravíssima situação, não nos será possível absolutamente manter o ritmo costumado das nossas missões".

Essa é simplesmente uma breve amostra de quantos apertos nossos bispos e sacerdotes tem sofrido para manter a evangelização em nossas prelazias e dioceses. Muita tem mudado para melhor, mas ainda o referido é sério.

1. Recursos do exterior

Graças aos missionários de muitas congregações, a sustentabilidade econômica da evangelização Amazônia, por mais de três séculos, foi sustentada por recursos europeus. Não havia outro jeito!

Os recursos para a sustentabilidade do clero e das atividades missionárias vinham de diversas fontes: das próprias congregações, dos parentes dos missionários, de instituições financiadoras de projetos, das Pontifícias Obras Missionárias e, para atividades de caráter social, em parte, muitas congregações se beneficiavam de estáveis convênios com os governos dos Estados, sobretudo, para a saúde e a educação.

Todavia, em geral as dioceses e prelazias, sempre passaram por situações de penúria de meios, pobreza e grande sobriedade para sustentar a árdua conta da evangelização. Ainda hoje, temos prelazias e diocese, com dependência econômica de recursos exteriores.

Para manter o equilíbrio financeiro em outros casos, a única estratégia dos administradores diocesanos é a redução dos investimentos, conservando o essencial; somente em casos de receitas extraordinárias é possível fazer novos investimentos em prol da missão.

2. Superar a manutenção do essencial

Se por um lado é bem verdade que a Igreja na Amazônia sempre foi banhada com a generosa atenção da Divina Providência, também é necessário ousado esforço para que progressivamente cresça no sentido da corresponsabilidade do povo.

Já não é mais coerente e nem educativo que nossas Igrejas particulares dependam de recursos europeus para a sustentabilidade de suas ações pastorais. O dinamismo do

mínimo investimento possível na ação pastoral, por falta de recursos ordinários, é dramático e gera paulatinamente enormes perdas à evangelização.

O avanço missionário será verdadeira fantasia se não enfrentarmos planejadamente e com ousadia administrativa a questão financeira da sustentabilidade das nossas (arqui)dioceses e prelazias. É atentar contra a Divina Providência não fazer os esforços necessários, programáticos e administrativos em vista de um salto de melhoria econômica.

O “custo amazônico” repercute seriamente sobre a evangelização. Não existe vigor pastoral na Amazônia sem investimentos econômicos. Não levar a sério a promoção de estratégias administrativas necessárias em vista da serena sustentabilidade econômicas da nossa missão seria nossa negligência.

3. O custo da evangelização na Amazônia

A evangelização na Amazônia brasileira não tem somente a exigência da simplicidade, da fadiga do clima, da paciência das viagens, do espírito de pobreza e abnegação dos missionários, mas exige também um alto custo econômico.

Há alguns anos atrás a diocese de São Gabriel da Cachoeira (AM) gastava cerca de 40 mil litros de gasolina anualmente para sustentar as atividades da pastoral da itinerância. Por sorte, essa despesa era compartilhada com os missionários salesianos. Imagine impacto financeiro anual nos cofres da instituição. Mas o que podemos fazer:

- Educar o povo com insistência para o sentido de pertença e corresponsabilidade;
- Implantar, promover e estimular a fidelização dos dizimistas nas comunidades;
- Adequar a questão dos dízimos e ofertas de acordo com o contexto;
- Promover projetos autossustentáveis de evangelização;
- Estimular a cultura contábil e administrativa;
- Investir na redução de despesas desnecessárias ou substituíveis;
- Investir em projetos de energia solar nas Igrejas e outras estruturas;
- Evitar qualquer forma de desperdícios;
- Evitar o paternalismo pastoral e estimular a cultura do cuidado e da manutenção ordinária dos nossos bens;
- Promover a cultura do voluntariado e da solidariedade;
- Investir, quanto possível, em meios extraordinários de receitas;
- Crescer na cultura das parceiras e permutas (governo, empresas, instituições);
- Repensar a forma de organização e gestão das festas dos padroeiros.

A *sustentabilidade* é a condição pela qual uma instituição mantém seu equilíbrio existencial; a sua ausência é o “desequilíbrio”, a “queda”, o “falimento”, a “paralisia”. São Paulo muito nos estimula na atitude da autossustentabilidade da evangelização; com seus esforços sempre procurou manter sua missão por onde passava (cf. At 20,35; 1Cor 9,6-14; Gal 6,6; 2Ts 3,9); sua preocupação era não ser peso para ninguém (cf. 1Ts 2,9; 2Ts 3,8).

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

1. Qual relação existe entre evangelização e economia?
2. O que podemos promover ainda para reforçar a necessidade do crescimento do sentido de pertença e corresponsabilidade em nossas comunidades e paróquias?
3. O que podemos fazer reduzir despesas, aumentar receitas e priorizar os investimentos pastorais?

V. A PROMOÇÃO VOCACIONAL E A FORMAÇÃO SACERDOTAL

Introdução

A renovação da presença da Igreja Católica na Amazônia passa inevitavelmente pela pastoral vocacional. Essa preocupação é acenada no número 129 do Instrumento Laboris: “promover vocações autóctones de homens e mulheres, como resposta às necessidades de atenção pastoral-sacramental”.

A promoção da cultura vocacional em nossas comunidades, paróquias e dioceses, depende de uma série de fatores: do plano Pastoral das Dioceses, organização de uma pastoral de conjunto, do zelo propositivo da pastoral catequética, da pastoral juvenil articulada em todos os ambientes que promova e sensibilize para a importância do projeto de vida, a importância da experiência de grupos, da animação missionária e do voluntariado juvenil.

1. Comunidades sem pastores

Não temos dados estatísticos disponíveis, mas partindo da minha experiência de vida e serviços em sete dioceses da Amazônia brasileira, creio que cerca de 80% das comunidades católicas da Amazônia não contam com a celebração Eucarística dominical. Fui pároco de uma Paróquia com 72 comunidades, no interior do Amazonas, com grande extensão geográfica, apesar do esforço, não conseguia visitar todas as comunidades a cada três meses.

A Igreja não precisa somente de mais sacerdotes, mas sobretudo, da promoção da cultura missionária. Mas, vale ressaltar que sem a pessoa do sacerdote, não haverá Eucaristia e sem Ela a Igreja perde a sua identidade. Estamos diante de uma questão crucial.

2. Ministros ordenados autóctones

A promoção de novos ministérios é muito importante. A presença de um diácono em cada comunidade do interior seria uma grande conquista, todavia, apesar de boa, nenhuma saída substituirá a figura do sacerdote. Além do seu serviço ministerial específico como sacerdote, também recai sobre ele um forte peso simbólico e referência moral. Isso também acontece com a reverência que irmãos evangélicos sentem para com os seus pastores. E em quase todas as comunidades do mundo rural e ribeirinho há um deles.

Diante dessa situação muito delicada de carência de sacerdotes e missionários disponíveis para a estabilidade dos serviços pastorais e sacramentais, é urgente um decidido relançamento da pastoral vocacional.

Graças a Deus a história de muitas dioceses da Amazônia, com clero autóctone (caboclos e indígenas), é um sinal brilhante de estímulo para todas as nossas Igrejas particulares. Mas é preciso investimento mais incisivo em vista de respostas futuras que mudem esse quadro! A superação dos desafios relacionados à pastoral vocacional, em geral, requer, que em todas as dioceses e prelazias, haja um forte esforço de convergência dos religiosos e das Novas Comunidades para esse fim. A perda da visão das necessidades da promoção da Igreja particular gera prejuízo.

3. Pistas para a promoção da cultura vocacional

- Formação de uma comissão em cada diocese para articular a promoção vocacional evitando que seja um serviço delegado a uma só pessoa;

- Fortalecimento projetual da pastoral juvenil através da organização do Setor Juventude estimulando o protagonismo juvenil e a experiência de grupos vocacionais;
- Promoção do voluntariado juvenil missionário, seja como experiência de serviço social aos mais pobres, mas também como estratégia de discernimento vocacional;
- Estímulo ao cuidado de processos formativos, itinerários, experiências de serviços; a pastoral não deve se reduzir a eventos;
- Incentivo em todas as paróquias para a renovação da dimensão vocacional e missionária das pastorais, grupos e movimentos; se não, envelhecem precocemente;
- Zelo pela criação de um ambiente paroquial marcado pelo clima de acolhida, fraternidade, alegria e boa convivência entre os consagrados e o povo (onde há fofocas e escândalos não surgem vocações);
- Promoção de uma catequese, sobretudo do Crisma, que favoreça um profundo encontro com Jesus Cristo, e a experiência de processos de acompanhamento espiritual e vocacional;
- Estabelecer um contínuo vínculo entre a pastoral familiar, pastoral juvenil e pastoral vocacional.

4. Qual estilo de formação sacerdotal?

A promoção da Igreja com o "rosto amazônico" requer um zeloso cuidado com a formação dos seus ministros e líderes em geral. O rosto é uma realidade que nos remete a diversas dimensões: física, étnica, cultural, psicológica e social. Portanto, qual modelo de sacerdote para a Amazônia? Um tipo que seja profundamente encarnado no mundo amazônico e não será outro melhor que os filhos da terra com suas sensibilidades, estilos de vida, linguagem e valores. Um sacerdote que vá ao encontro que sinta empatia com a psicologia dos povos amazônicos, marcados pela simplicidade, afetividade, serenidade, resistência, capacidade de adaptação, capacidade de convivência, paciência, firmeza de ânimo e capacidade de esperar.

O distanciamento psicológico e afetivo entre pastores e ovelhas, em geral, gera um progressivo afastamento delas. Onde há um líder religioso próximo ao povo e que sabe se relacionar com eles, esse deixa profundas marcas no coração de sua gente, promovendo assim, sintonia e comprometimento com a missão. Os povos amazônicos gostam de sentir os seus líderes, próximos.

5. Qual estilo de formação?

O fato, de algumas vezes, constatarmos que há jovens padres caboclos com graves problemas de relacionamento com o povo, com atitudes arrogantes e frias, aburguesados, cheios de esquemas, exibicionistas e pastoralmente com baixo fervor missionário, é um sinal de alerta!

Poderíamos nos questionar sinceramente: "defeito de fábrica"? Contudo, quais preocupações deveriam ser cultivadas em nossas dioceses em relação à formação sacerdotal?

Certamente, é uma questão muito delicada que, mesmo sem receita, é importante nos preocuparmos sobretudo, com a condução da dinâmica da formação. Bem como, a assimilação dos conteúdos formativos, a qualidade do acompanhamento e as experiências pastorais consistentes em meio aos mais pobres e excluídos nas periferias.

Os bispos e formadores em cada seminário devem continuamente se questionar sobre qual perfil de sacerdote estão formando e estimulando. Os seminários devem ser laboratórios da promoção do perfil do sacerdote-pastor que o povo amazônico deseja.

A formação humana deve ser sempre a base fundamental da preparação sacerdotal visando a promoção de uma personalidade equilibrada, proativa, sensível, generosa, comunicativa, robusta, capaz de compaixão e entusiasmo. Um jovem sacerdote frio, contraria tudo! A formação sacerdotal, em suas diversas fases, deve estimular uma forte experiência de vida fraterna, comunhão e sentido de pertença à diocese. O estilo de vida no seminário não deve se distanciar da dinâmica de vida do nosso povo.

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

1. Você conhece a realidade das comunidades católicas do interior da Amazônia?
2. O que podemos fazer em nível comunitário e paroquial pela promoção vocacional?
3. Qual é o diferencial do sacerdote caboclo e indígena?

VI. OS CLAMORES DAS JUVENTUDES AMAZÔNICAS

Introdução

Outro tema significativo que, seguramente deverá ser objeto de reflexão no Sínodo Pan-Amazônico, é a questão juventude. Na região amazônica está concentrado, proporcionalmente, o maior índice de jovens do Brasil. A população da Amazônia é jovem.

Uma das maravilhas que contemplamos quando visitamos comunidades do interior, em todos os estados, é a quantidade de crianças, adolescentes e jovens que encontramos.

A Amazônia, portanto, é demograficamente a região da Esperança, andando na contramão do crescente envelhecimento da população brasileira. A população da região Norte cresceu 3,1% de 2009 até 2011. Quase 60% da população da região tem menos de 34 anos.

É importante refletirmos sobre os números, todavia, é mais importante ainda, contemplarmos a realidade de como vive essa massa infanto-juvenil. A situação é muito delicada e isso deve fazer eco no coração da Igreja Missionária.

1. Dramas juvenis na Amazônia

Está claro no Instrumento Laboris uma profunda visão pessimista do mundo juvenil. Refiro-me ao fato de que sempre quando se fala da juventude está relacionada às situações negativas. É uma parte da realidade! Mas, é verdade, a coisa é séria! São muitos os dramáticos fenômenos dos quais padecem as juventudes na Amazônia acusados no Instrumento Laboris e nas manchetes jornalísticas.

Não se trata de uma situação generalizada e nem podemos negar o forte impacto desta triste realidade vivida por centenas de milhares de jovens amazônidas: a pobreza, a violência, a pandemia de HIV/IST's, a prostituição infanto-juvenil, o tráfico de drogas, o alto índice de mortes de jovens negros, a gravidez na adolescência, o desemprego e o subemprego (biscate). Observemos a quantidade de jovens vendedores ambulantes lutando pela sobrevivência nas ruas das maiores cidades da Amazônia Brasileira.

Lamentavelmente, nos últimos anos, houve um forte aumento da população juvenil encarcerada em todos os Estados e cresceu o número de jovens que aderiram às facções criminosas como “PCC (Primeiro Comando da Capital), CV (Comando Vermelho), FDN (Família do Norte), Bonde dos 30, Comando Classe A, União do Norte, etc. As unidades prisionais na Amazônia, em seus diversos Estados, estão superlotadas de jovens de 18 a 25 e que vivem em condições desumanas. Não esqueçamos os massacres das dezenas de jovens presidiários em Manaus (2017), Boa Vista (2018) e Altamira (2019).

Por outro lado, temos ainda fenômenos como o vazio existencial, a apatia, a automutilação, o suicídio (nas cidades e no meio indígena), a inadequada formação profissional, o semi-analfabetismo, a pouca afeição dos jovens para com valores tradicionais (indígenas), a perda das raízes da tradição (perda da identidade). E ainda, os conflitos geracionais, a cultura do descarte, a pouca afeição à Igreja, o alcoolismo, o vandalismo, a pouca perspectiva de melhoria de vida, impacto do estilo de vida e da cultura urbana no mundo rural, mentalidade consumista e sedução ideológica (cf. Instrumento Laboris, N. 16, 27, 53, 78, 140).

Apesar dessa forte nota negativa, como problema social brasileiro, é necessário ressaltar que a maioria dos jovens amazônidas, apesar da pobreza, vivem bem e milhares deles dão um eloquente testemunho de vida: estudando e trabalhando honestamente, engajados na Igreja e comprometidos em pastorais, grupos, serviços, movimentos eclesiais e sociais.

2. As fontes dos problemas

Bem sabemos, que não é só isso; todavia, o “zoom” sobre os dramas juvenis presentes na região amazônica devem nos chamar a atenção enquanto líderes, educadores, sacerdotes e pastores do povo de Deus. Os jovens são parte do nosso rebanho que merecem toda a nossa atenção dinâmica, carinho e cuidado criativo.

Os jovens em todos os contextos, seja urbano, rural, indígena, quilombola ou ribeirinho, na verdade, não são os primeiros sujeitos promotores de suas desgraças! Eles são vítimas!

Por detrás de cada situação negativa temos uma série de causas estimuladoras de males, tais como: a fragmentação da família, a ausência de políticas públicas preventivas, a fragilidade da educação, a insuficiente atenção do Estado à educação, a pressão sedutora da cultura secularista, tecnicista, presentista, imediatista, economicista e hedonista. E a dura pobreza que martiriza centenas de milhares de jovens da região Amazônica.

Outra grave fonte dos problemas juvenis é a inexistência da cultura do desenvolvimento humano integral por parte das diversas esferas de governos, municipal, estadual e federal; a desintegração das políticas públicas e a cultura repressiva que induz ao encarceramento em massa. Enfim, a fragmentação dos atores sociais: a família, a escola, o governo, a instituições de controle social e a Igreja.

3. A urgência de uma renovada Pastoral Juvenil

Tudo isso constitui um sério sinal de alerta para o qual a Igreja, em razão da sua missão, não deve ficar indiferente e calada. A resposta pastoral da Igreja em relação aos problemas juvenis tem sido, a meu ver, ainda muito tímida; essa timidez pastoral se manifesta visivelmente através de muitos fatos e situações.

Há quase uma generalizada ausência de um projeto específico de evangelização das juventudes nas arquidioceses e dioceses da Amazônia, ainda fazemos uma evangelização genérica: “os jovens vão no meio”. A evangelização dos jovens ainda está muito atrelada às atividades religiosas e litúrgicas; a renovação da pastoral juvenil parece ainda muito lenta e distante da psicologia juvenil; também há carência de visão de processos que supere a pastoral de eventos e manutenção.

É necessária uma urgente ampliação da visão do mundo juvenil e das suas necessidades, pois, ainda não há uma clara opção pela evangelização da juventude através de outros meios como, o esporte, as artes (música, dança, teatro), lazer e entretenimento; precisamos dar atenção para a dimensão lúdica dos jovens.

Notamos a (quase) ausência de sacerdotes com especialização em pastoral juvenil nas dioceses. Por isso, muitos deles tem medo dos jovens, dificuldade para acompanhá-los e interagir com eles percorrendo processos de formação; facilmente delegam essa tarefa às pessoas despreparadas; muitos jovens acusam certa “carência de paternidade espiritual” em muitos sacerdotes, porque os percebem com pouco tino pedagógico e carentes de empatia. Necessitam de mais sinergia afetiva em relação ao dinamismo juvenil. E em muitas dioceses ainda não existe o Setor Juventude.

Outro fato que merece a nossa reflexão, enquanto pastores do povo católico na Amazônia, é a migração de milhares de jovens para outros cultos, filosofias e igrejas, por causa da ausência ou fragilidade das nossas propostas pastorais. Está crescendo o espiritismo e a indiferença religiosa entre os jovens.

A Amazônia jovem, espera da Igreja uma decida opção preferencial, um forte relançamento da Pastoral Juvenil em todas as dioceses promovendo uma especial atenção ao acompanhamento juvenil, em todos os contextos: formando jovens líderes, incentivando o protagonismo juvenil, estimulando o voluntariado, reforçando a catequese, desafiando os jovens à missionariedade, promovendo novas formas e novos meios de evangelizar as juventudes em cada situação sociocultural.

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

1. Na sua diocese há um projeto específico para a Pastoral Juvenil?
2. Em que a Igreja pode contribuir com a promoção da cultura preventiva?
3. Diante dos desafios juvenis presentes na Amazônia, quais novos caminhos para a pastoral juvenil precisamos ousar?

VII. IMPORTANTES ATITUDES ECLESIAIS

Introdução

É longa a lista dos problemas humanos presentes na Amazônia. Mas como já refletimos no artigo precedente, não toca à Igreja resolver os dramas da humanidade. Aliás, é bom recordar que, também, Jesus e a comunidade primitiva não resolveram os problemas sociais daquele tempo. Mas deram autênticas e sugestivas respostas!

As atitudes de Jesus e da comunidade primitiva são paradigmáticas para a Igreja de hoje. O foco da nossa missão é contribuir com a promoção do Reino de Deus; isso significa enfrentarmos profeticamente os males deste mundo, mas sem perdermos a consciência de

que o centro da nossa missão não é o meramente político, técnico, nem econômico, mas especificamente o espiritual e ético.

1. Sinais do Reino de Deus

Os primeiros sinais do Reino de Deus, não estão naquilo que vemos e fazemos, mas no que somos e manifestamos com a nossa mentalidade, atitudes e opções. O Reino de Deus não consiste no sucesso material, mas “é justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Quem serve a Cristo nessas coisas, agrada a Deus e é estimado pelos homens” (Rm 14,17-18).

Essencialmente a missão da Igreja é estimular a conversão! Isso a compromete profundamente a voltar-se para as pessoas, a dar-lhes atenção, a escutá-las, a entrar em diálogo com elas. Estamos falando de atitudes! Um modo errôneo de agir, enquanto Igreja, seria aquele de só vermos à nossa frente, problemas, instituições, sistemas. Jesus, acima de tudo, deu atenção às pessoas. E quando acolhiam a sua Palavra, despertavam para a fé e saíam libertadas, alegres e felizes: tinham recebido a devida atenção e o que desejavam.

2. As pastorais: encarnação na realidade

Para a Igreja Católica, as pastorais constituem as expressões mais significativas de encarnação na realidade, de respostas aos clamores humanos e compromissos concretos com a promoção do Reino de Deus. Assim, a Igreja continua a obra do seu Mestre e Senhor que disse: “Vão e anunciem que o Reino do Céu está próximo. Curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios” (Mt 10,7-8). “Os discípulos partiram, e percorriam os povoados, anunciando a Boa Notícia, e fazendo curas em todos os lugares” (Lc 9,6).

As palavras imperativas de Jesus motivam a Igreja a estar “em estado permanente de missão” e sempre cultivando uma atitude de escuta da realidade para não cair no drama da insignificância e da mediocridade mundana (cf. Mt 5,13-14. Por isso o Papa Francisco recomenda: “Não deixemos que nos roubem o Evangelho!” (EG, 97).

3. As pastorais: paixão pelo Reino de Deus

As pastorais são instrumentos estratégicos da Igreja estimulando a transformação da realidade. A Igreja na Amazônia tem uma profunda marca pastoral e missionária, que revela a sua sensibilidade e inquietude. Isso deve ser preservado e promovido. Somos convocados a promover a inquietude missionária de nossas comunidades passando «de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária» (DA, 548).

Assim, em sua missão de pregar, curar e santificar, abraçando os desafios da promoção humana na Amazônia, a Igreja promove as pastorais. Temos muitas pastorais, por exemplo: a pastoral da saúde, pastoral dos enfermos, pastoral da mulher, pastoral carcerária, pastoral da comunicação, pastoral da criança, pastoral juvenil, pastoral da visitação ou pastoral da itinerância (acompanhamento das comunidades ribeirinhas), pastoral afro, pastoral indigenista, pastoral da mobilidade humana, pastoral da pessoa idosa, pastoral da sobriedade, pastoral da terra, pastoral dos moradores de rua, pastoral dos ribeirinhos, pastoral do surdo, pastoral da catequese, pastoral do turismo, pastoral dos pescadores, pastoral dos refugiados, pastoral da família e pastoral universitária. Cada uma dessas pastorais revela a sensibilidade e o cuidado da Igreja para com tais realidades.

Graças a essa ampla, secular, convicta presença e testemunho da Igreja na promoção da dignidade humana através das pastorais, temos hoje muitos mártires. Pessoas que deram a vida por Cristo defendendo a dignidade humana, testemunhando o Reino de Deus. Todavia, recordemos bem, não se trata de um mero serviço público. Mas de testemunho dos valores e das exigências do Reino de Deus. As pastorais não são serviços supletivos ao Estado, mas é evangelização abraçando a totalidade das dimensões da vida humana. O suor e o sangue derramados são expressões da fidelidade ao Reino de Deus, jamais puros compromissos sociais terrenos.

4. Importantes atitudes eclesiais

Deus nos livre de sermos uma Igreja de viseira e nos defenda do mal de tropeçarmos em paixões socio-ambientalistas, sem visão da totalidade dos povos e contextos e das dimensões da realidade Amazônica segundo o Evangelho! Como Boa Samaritana na Amazônia, a Igreja é chamada a aproximar-se, “descer”, a “encarnar-se” sempre mais nas variadas realidades (rurais, urbanas, ribeirinhas e indígenas); a ouvir os clamores e a estender a mão aos sofredores e ameaçados em sua dignidade, bem como aos mais embrutecidos pelo ódio, comodismo e pela indiferença.

Movidos pela Esperança de servidores da Caridade, nós todos, ministros ordenados e agentes de pastorais em todas as esferas, somos chamados a testemunhar a alegria e o otimismo do Evangelho. Conservando a ternura, a firmeza e a serenidade, sobretudo nos contextos sócio-pastorais mais hostis, evitando assim, a “pastoral da raiva” (amargura, conflitos desnecessários, antagonismos, posturas agressivas, iniciativas ideologizadas, isolamento, atitudes maniqueístas, antipáticas e polarizantes). Senão, perdemos as ovelhas!

A Igreja não está sozinha na Amazônia. Não é a única que promove o bem, por isso é preciso crescermos na atitude de motivar e articular uma parceria saudável com outros atores sociais para que juntos, possamos assumir causas que tenham afinidade com os valores éticos e evangélicos. Pois, juntos podemos estudar, dialogar, somar, contribuir, promover em rede a cultura da vida e da ecologia integral.

Nunca devemos esquecer que a Igreja é serva e servidora Daquele que veio para salvar, não condenar (cf. Jo 12,47) e que desejou que nenhum se perdesse (cf. Jo 6,39). Os opressores são chamados à conversão, precisam ser evangelizados! A vontade divina não é a morte do opressor, mas sua conversão (cf. Ez 18,23); precisamos evangelizar os ricos (cf. Lc 16,19-31; Lc 19,1-10; DA, 395, 1156; EG 58).

O povo quer pastores, sacerdotes, diáconos, religiosos, líderes leigos, agentes de pastorais próximos, com atitudes sensíveis. Isso implica a superação da frieza, da arrogância, do intelectualismo teológico e do puritanismo. Os atuais desafios pastorais da Igreja, na Amazônia, nos dizem que devemos combater o “paternalismo pastoral” que é uma forma de evangelizar e catequizar; e que não favorece o crescimento das pessoas, não forma sujeitos eclesiais, não estimula o sentido de pertença, não promove líderes e nem estimula o surgimento de discípulos missionários.

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

- 1.** Em que consiste o foco central da missão da Igreja?
- 2.** Por que as pastorais são manifestação da encarnação da Igreja na realidade?
- 3.** Quais outras atitudes pastorais, precisamos cultivar na Igreja?

VIII. A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA PARA A PROMOÇÃO HUMANA

Introdução

O processo de preparação ao Sínodo Pan-amazônico, nos convida também, a considerar a grande contribuição da Igreja para a promoção humana na Amazônia. Do amor a Deus e ao próximo, brota a inseparabilidade entre evangelização e promoção humana.

O discernimento de “Caminhos Novos para a Igreja na Amazônia, para uma ecologia integral”, como nos pede o Papa Francisco, desafia os católicos a renovar a sua opção pela promoção do Reino de Deus. Portanto, para todos nós, sobretudo para aqueles que estão inseguros ou para outros com visão ambientalista, o chamado de Jesus Cristo a continuarmos a sua missão é amplo e integrado. Seria um grave desvio pastoral pensar o humano, sem o ecológico. Mas, não devemos esquecer que ao centro, está o ser humano.

1. Evangelização e promoção humana

Onde a evangelização aparece desconectada dos clamores humanos, está profundamente distante das atitudes de Jesus que veio “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). A evangelização sem a promoção humana nega a sua própria meta que é o Reino de Deus. A Igreja segue as atitudes de Jesus, profundamente sensível aos mais pobres e sofredores. A missão de Jesus estava intimamente vinculada à promoção da vida: «Voltem e contem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os paráliticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Notícia” (Mt 11,4-5).

A Igreja, onde quer que esteja, deve testemunhar esse dinamismo pastoral de Jesus. A missão da Igreja transcendendo a pregação e a liturgia, deve se comprometer com a promoção do Reino como exigência do amor a Deus e ao próximo. A caridade, portanto, inspira o dinamismo pastoral da Igreja presente na Amazônia.

2. Referências fundamentais

A promoção humana promovida, pela Igreja na Amazônia, está condicionada a quatro referências: a Sagrada Escritura (o Evangelho, as atitudes de Jesus), a Doutrina Social da Igreja, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e as provocações dos contextos socioambientais.

São referências que nos ajudam a contemplar a beleza da dignidade e da vocação humana e inspiram-nos a elaboração de projetos transformadores, métodos de ação, critérios de avaliação e atividades a serem hierarquizadas. E com isso, estimulam-nos ao compromisso de preservar e promover o mais precioso dos tesouros da sociedade, o ser humano. E que também nos ajudam a discernir situações de ambiguidades mostrando onde nossa opção deve ser radical; direcionam o nosso coração e a nossa mente para o cuidado com o desenvolvimento humano integral; convocam-nos a livrar-nos de qualquer forma de alienação e reducionismo.

Sem essas fontes orientadoras, a promoção humana por parte da Igreja seria desorientada e correria o risco de tornar-se submissa às mais variadas formas de ideologias. O foco do

olhar da Igreja sobre a Amazônia não é científico, nem técnico, nem ambientalista, mas é ético, teológico, missionário e pastoral. A Igreja, por sua missão, usa a “lupa do evangelho” para contemplar a Amazônia e, nela exercer sua missão. O fundamento de tudo, sobre o qual se baseia a promoção humana por parte da Igreja, é a incondicional dignidade do ser humano revelado por Jesus Cristo.

3. A complexidade da Amazônia

Não podemos falar com seriedade da promoção humana na Amazônia, no que tange à missão da Igreja, sem considerarmos a complexidade dessa realidade em suas diversas dimensões:

- **Dimensão antropológica:** a Amazônia é um santuário de povos, culturas, nações, línguas; são povos indígenas, caboclos, negros, mestiços, europeus; só de povos indígenas a Amazônia está constituída por cerca de 400 etnias diferentes;
- **Dimensão política:** são nove países diversos entre si, isso significa governos, leis, sensibilidades e contextos históricos de nacionalidade diferentes;
- **Dimensão econômica:** a Amazônia é um ambiente onde há grandes tensões econômicas: agronegócio, economia doméstica, extrativismo, turismo, indústria, riqueza (abundância), pobreza, miséria, agricultura familiar, desequilíbrio de investimentos; por outro lado, nenhum país possui a mesma situação econômica do outro;
- **Dimensão social:** na Amazônia há uma grande variedade de contextos sociais, não é somente um universo de fauna e flora. Em toda a Panamazônia somam 34,1 milhões de pessoas e constitui a região com a população economicamente mais pobre de todo o continente americano; por outro lado, cada um desses ambientes tem uma história distinta, particularmente sua; dentro desse universo social encontramos profundos e graves dramas humanos.

4. A Igreja e outros sujeitos

O serviço de promoção humana desenvolvido pela Igreja Católica, nos mais variados contextos e países amazônicos, não está dentro de uma redoma, isolado. Muito pelo contrário, trata-se de um serviço encarnado numa complexa teia de relações entre sujeitos diferentes. Por isso, tantas vezes, o serviço de evangelização é tenso. Nenhum dos atores sociais é portador de soluções para todos os problemas. Por isso, não podemos conceber nenhuma forma de “heroísmo eclesial solitário!”.

A sabedoria da Igreja, fiel aos seus princípios e missão, se manifesta na capacidade de interação dialogal com outros sujeitos. Mas a Igreja é chamada a ser coerente com os ideais evangélicos, testemunhando sua postura profética, conjugando ternura e firmeza. Também somos conscientes de que nenhum recurso técnico ou grupo de recursos humanos, constitui o remédio para todos os males presentes na Amazônia. Por isso, a Igreja no exercício da promoção humana deve sempre ter presente a necessidade da interação com outros atores sociais: governos, instituições de controle social, movimentos, empresas, organizações não governamentais e outras igrejas.

Diante dessa realidade dinâmica, a promoção humana em sua profusão deve também considerar a gênese e as características de cada situação, por exemplo, da pobreza, da

frágil consistência das políticas públicas, dos conflitos, enfim, de todo e qualquer atentado contra a dignidade humana.

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

1. O que você entende por promoção humana integral?
2. Por que a evangelização e a promoção humana são inseparáveis?
3. Por que o "heroísmo eclesial solitário" é negativo?

IX. A PROMOÇÃO HUMANA E SUAS EXIGÊNCIAS

Introdução

Falamos no artigo anterior sobre a inseparabilidade entre evangelização e promoção humana. Bem como, apresentamos quatro fontes inspiradoras e condicionadoras do agir da Igreja na esfera social.

No amplo contexto Amazônico, a relação entre evangelização e promoção humana é desafiadora por causa das suas muitas e complexas demandas. Por isso, é preciso muita clareza e transparência, para que a Igreja seja fiel à sua missão, sem se confundir com as atitudes e reivindicações de uma Organização Não Governamental.

1. A contribuição ética da Igreja

Quando Jesus disse a seus discípulos: "pobres sempre tereis, mas a mim nem sempre" (Jo 12,8) deixou a seus discípulos um profundo alerta. A centralidade da missão da Igreja é a promoção do Reino de Deus. O resto é consequência! O acento na missão da Igreja não deve estar sobre os problemas e nem sobre as carências humanas. Mas sobre o próprio Cristo.

Para a Igreja, fora da motivação teológica, tudo se esvazia e desvia. Isso aconteceu com Judas Iscariotes que falava dos pobres, mas suas motivações eram errôneas e não estavam centradas na pessoa de Jesus (cf. Jo 12,4-8), no Reino de Deus.

O Papa Francisco, fiel aos fundamentos teológicos da missão da Igreja em relação às questões sociais nos alerta também afirmando: "No diálogo com o Estado e com a sociedade, a Igreja não tem soluções para todas as questões específicas. Mas, juntamente com as várias forças sociais, acompanha as propostas que melhor correspondam à dignidade da pessoa humana e ao bem comum. Ao fazê-lo, propõe sempre com clareza os valores fundamentais da existência humana, para transmitir convicções que possam depois traduzir-se em ações políticas" (EG, 241).

A Igreja não tem respostas técnicas para os problemas da sociedade, não é sua missão; mas contribui com sua reflexão, aponta princípios, sugere caminhos à luz da Fé (cf. C.A, 55).

2. Amazônia: Galileia da Igreja

Em relação ao Sínodo da Pan-Amazônia, seria míope por parte da Igreja uma preocupação meramente socio-ambientalista. Quem está meramente preocupado com essa questão

desconhece a sensibilidade da Igreja. Todavia, o justo equilíbrio deverá sempre ser mantido.

E quais situações dos diversos contextos amazônicos requerem da parte da Igreja uma especial atenção? A Amazônia é a Galileia da Igreja no continente americano. Por ser um território profundamente marcado pela pobreza e pela desatenção política, violência, opressão e injustiça de muitas formas, Jesus deu especial atenção aos galileus e se fez um deles vivendo em Nazaré.

A Igreja, “perita em humanidade” (cf. Paulo VI, *Populorum progressio*, 13), é partícipe “das alegrias e esperanças, das angústias e das tristezas dos homens” (GS, 1), por isso, é solidária com todo homem e a toda a mulher, de todo lugar, tempo, cultura e religião testemunhando-lhes os valores do Reino de Deus. Assim a Igreja não só crê em “novos céus”, mas está comprometida com a transformação deste mundo (cf. Rm 12,1-3; 2Pd 3,13).

Para a Igreja a dimensão antropológica abraça inevitavelmente a questão socioambiental com todas as suas exigências. Não podemos falar de evangelização na Amazônia sem tocar naquilo que é característica fundante da identidade da Amazônia: a beleza e a abundância da biodiversidade e suas ameaças. A questão da promoção humana abraça a totalidade das dimensões da existência do ser humano, independente do seu contexto.

3. A Amazônia e suas necessidades específicas

As necessidades da promoção humana são sempre as mesmas em qualquer lugar do mundo, todavia, é necessário, considerarmos o contexto existencial das pessoas presentes em cada realidade. Cada contexto é rico de demandas específicas!

Há uma variedade de fatores (socioculturais, ambientais, políticos, econômicos e religiosos), que condicionam o dinamismo da promoção humana e da evangelização em cada contexto. O mesmo acontece na Amazônia.

A promoção humana, abraçando a totalidade das dimensões da pessoa, em todas as situações, exige ação conjunta: nenhum ator social é, isoladamente, o responsável pela acolhida, tutela, defesa e promoção da pessoa humana. A Amazônia, por sua própria, natureza, exige interação, senso de corresponsabilidade, ação conjunta e parcerias.

Infelizmente, ainda na gestão da promoção humana na Amazônia, nem sempre os diversos atores sociais convergem e se esforçam para serem bons parceiros, colaboradores uns dos outros; onde há modos variados de compreensão da dignidade humana (e do valor da vida humana), há conflitos, inimizade, antagonismo, sangue derramado. Por isso, urge a promoção da profecia do diálogo em vista da promoção de processos de convergência.

4. Anúncio, diálogo e denúncia

A promoção humana estimulada pela Igreja propõe intervenção em todos os contextos socioculturais e situações: indígena, negro, rural, ribeirinho, urbano (centro e periferia). Lamentavelmente a Amazônia é palco de conflitos e mortes! Por parte da Igreja não é suficiente a denúncia dos males. Talvez precisemos crescer mais em atitudes pedagógicas capazes de estimular o discernimento, a convergência, o diálogo e a resolução serena dos conflitos. Foi o que Jesus fez com Zaqueu!

Graves situações humanas vão perdurar enquanto houver a fragmentação das instituições e o oposicionismo entre elas, que criam barreiras entre si, gerando antipatias entre governos, empresas, fazendeiros, militares, ONGs, movimentos, Igreja e instituições de controle social. Por outro lado, muitas vezes, a surdez das instituições de controle social favorece a violência. Cada ator social tem uma profunda responsabilidade que deve ser resgatada por sua dignidade vocacional. Todavia, onde cresce o antagonismo, todos perdem, se enfraquecem, e se instaura a “guerra fria”.

PARA A REFLEXÃO PESSOAL:

1. O que significa que a Igreja não tem soluções técnicas para os problemas da sociedade?
2. O que você entende pela afirmação: *a Igreja é partícipe das alegrias e esperanças, das angústias e das tristezas dos homens?*
3. Quais antagonismos, entre instituições ou categorias de pessoas, você percebe na Amazônia? Como a Igreja pode ajudar?

X. PISTAS, LINHAS DE AÇÃO, AGENDA DE COMPROMISSOS

- Assegurar a presença da Igreja nos Conselhos Municipais (de saúde, educação, segurança, direitos das Crianças e adolescentes, assistência social, juventude);
- Assegurar aos líderes leigos e sacerdotes em todas as Dioceses, Prelazias e das instituições católicas, a promoção de um retiro anual que estimule em todos, ao crescimento na paixão por Jesus Cristo e seu Reino, evitando tendências ideológicas e aridez; Jesus alertou seus discípulos dizendo-lhes: “Sem mim vocês nada podem fazer” (Jo 15,5); o mais eloquente testemunho de luta que os povos da Amazônia querem da Igreja e de todos os seus missionários e missionárias é o testemunho de santidade, que se manifesta através das atitudes. Não podemos falar do Reino de Deus com armas na mão e nem veneno na língua;
- Estimular em toda a Amazônia uma decidida renovação da presença da Igreja Católica nas comunidades indígenas;
- Avançar em relação ao desafio do ecumenismo, sobretudo, através de estudos e iniciativas conjuntas em prol da promoção humana;
- Cada Diocese e Prelazia tenha um Plano com critérios e diretrizes claras para orientar a gestão da formação sacerdotal em vista de formar bons pastores para o povo da Amazônia;
- Estimular o comprometimento das IES – Instituições de Ensino Superior (Católicas, privadas e governamentais) na promoção da dignidade humana e na formação teológica dos leigos; ainda não temos uma ação conjunta entre as universidades;
- Criar um Fórum permanente ou Observatório da promoção humana na Amazônia;
- Cultivar uma atitude de empatia, simpatia, abertura, ternura nas iniciativas pastorais;

- Despertar a solidariedade missionária em nível nacional em prol da Amazônia;
- Educar o povo para o cuidado e a rejeição da exploração predatória dos recursos naturais;
- Estimular núcleos de estudo da “teologia índia” e promover encontros de padres indígenas;
- Educar o povo, sobretudo do interior, para a projetualidade visando a superação da mentalidade presentista, fatalista, imediatista e com forte tendência passiva;
- Educar para o pensar, para o liderar e fortalecimento da identidade do povo interiorano, em vista da superação do medo, da timidez, do anonimato;
- Elaborar uma carta de intenções ou compromissos pastorais que defina em que queremos avançar como Igreja na Amazônia;
- Envidar esforços conjuntos, em parcerias, para avançarmos na promoção do uso dos meios de Comunicação produzindo conteúdos e compartilhando meios como TV e Rádio;
- É preciso ousadia; também é possível fomentar parcerias;
- Estimular a cultura do voluntariado, somos semeadores de esperança;
- Estimular a promoção de cursos de liderança na esfera política;
- Estimular em todas as Dioceses e Prelazias o ministério do Diaconato Permanente com viés profundamente missionário; bem como incentivar a ordenação sacerdotal de diáconos viúvos;
- Disseminar por todos os cantos grupos de leitura Orante da Palavra de Deus;
- Estimular em todas as Dioceses e Prelazias uma postura de escuta e diálogo diretamente com os interessados antes da denúncia que gera conflitos e ódio;
- Estimular fortemente nas comunidades católicas o sentido de pertença, a necessidade do dízimo e o senso de corresponsabilidade;
- Formar em todas as Dioceses e Prelazias equipes de leigos missionários;
- Favorecer em todas as paróquias a diversidade de carismas;
- Implantar o Setor Juventude em todas as Dioceses e Prelazias;
- Potencializar a dimensão moral da catequese e das pastorais (compromissos éticos);
- Organizar nas Dioceses e Prelazias cursos de capacitação de pregadores leigos, ministros da Palavra com perfil entusiasta e missionário;

- Reduzir, quanto possível, o tempo de ausência do sacerdote nas comunidades; assegurando a celebração da Sagrada Eucaristia;
- Promover a cultura da honestidade e da transparência na gestão de recursos públicos (combate à corrupção);
- Promover a cultura da reflexão sobre a dignidade humana, superando o pragmatismo intervencionista; infelizmente, ainda trabalhamos com o foco nos fatos e continua sendo um desafio a promoção da cultura de processos de desenvolvimento humano;
- Promover a autossustentabilidade da promoção humana, das paróquias e prelazias para que tenham todos os meios necessários para a evangelização;
- Promover a cada X anos um grande evento temático sobre a Evangelização na Amazônia, como evento de renovação da comunhão, espírito fraterno e compromissos;
- Promover a cultura preventiva em relação aos graves problemas sociais, como por exemplo, o fenômeno da violência, alcoolismo, drogadição e a corrupção; e também em relação aos desafios pastorais através da formação (ignorância bíblica, superficialidade doutrinal, falta de sentido de pertença, dízimo, senso missionário.);
- Promover a oportunidade para que Seminaristas de Dioceses do Sul façam a experiência de estágio Pastoral na Amazônia;
- Promover a presença evangelizadora e educativa estimulando a assimilação da dignidade humana e desenvolvimento humano integral e nas diversas iniciativas pastorais;
- Promover a Responsabilidade Social das empresas. O Documento de Aparecida nos propôs a promoção da evangelização dos empresários (cf. DA, 492) e fala do desenvolvimento da espiritualidade dos empresários (cf. DA, 285, 404);
- Promover em todas as Dioceses e Prelazias da Amazônia a experiência das Santas Missões Populares periodicamente;
- Estimular e valorizar a religiosidade popular favorecendo a purificação daquilo que é necessário;
- Promover o lançamento do *Projeto Cada Comunidade uma Vocação* em todas as Dioceses e Prelazias;
- Promover um processo de articulação da Pastoral Juvenil indígena em todas as Dioceses e Prelazias;
- Reconvocar a Vida Consagrada e as Novas Comunidades para “avançarem para águas mais profundas” como presença missionária no interior da Amazônia, que em geral, as Novas Comunidades estão concentradas nas grandes áreas urbanas;
- Relançamento da pastoral da ecologia e do meio ambiente em todas as Dioceses e Prelazias da Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BECKER, Bertha. **As amazônias: ensaios sobre geografia e sociedade na Amazônia.** Volume 3. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2015.

BOFF, L. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CELAM: **Carta Pastoral do Conselho Episcopal Latino-americano.** Discípulos missionários, guardiões da casa comum: discernimento à luz da Encíclica Laudato Si. Bogotá, Colômbia, Janeiro de 2018.

CELAM: **V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano.** Documento de Aparecida. São Paulo: Edições Paulinas, 2007.

CNBB REGIONAL NORTE II. **Vida sustentável na Amazônia. Novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.** CREAM – Comissão para a Evangelização na Amazônia. Caderno N. 6, Ano 2018.

CNBB REGIONAL NORTE II. **Os cristãos e as eleições.** "Alegres por causa da Esperança" (Rm 12,12). Cartilha de Orientação Política. CNBB REGIONAL NORTE II: Belém (Pa), 2018.

CNBB REGIONAL NORTE II. **Fermentando a Paz. Projeto Fundo Nacional de Solidariedade.**

CEPAST – Comissão Episcopal para a Ação Social Transformadora, S/D.

CNBB REGIONAL NORTE 1,2: **Linhas prioritárias da pastoral da Amazônia.** "Cristo aponta para a Amazônia". IV Encontro da Pastoral da Amazônia. Santarém, 1972.

CNBB: **Igreja na Amazônia:** Memória e Compromisso. Conclusões do Encontro de Santarém. Brasília: Edições CNBB, 2012.

CNBB: **IV Congresso Missionário Nacional. Missão permanente:** reflexões e propostas. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CNBB: **Missionários para a Amazônia.** Coleção Estudos, documento 100, 2ª Edição. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CNBB: **Texto Base da Campanha da Fraternidade, 2007. Fraternidade e Amazônia:** Vida e missão neste chão. São Paulo: Editora Salesiana, 2006.

CNBB: **Desafio missionário:** documentos da Igreja na Amazônia, Coletânea. Brasília: Edições CNBB, 2014.

COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA. **Seminário Nacional sobre evangelização dos povos indígenas.** Brasília: REPAM, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar ao humanismo solidário para construir uma civilização do amor**: 50 anos após a “Populorum Progressio”. Orientações. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA VIDA RELIGIOSA. **Paixão por Cristo, paixão pela humanidade**. CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

CORREA, Dom Alberto Taveira. **O que pretende a Igreja?** In: Jornal Voz de Nazaré. I Caderno, Edição 863, de 15 a 28 de fevereiro de 2019, pag. 3.

DA SILVA, Osiris Araújo; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama (Org.). **Pan-Amazônia: Visão Histórica, Perspectivas de Integração e Crescimento**. 1ª Edição. Manaus: Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM), 2015. In: https://www.academia.edu/20077548/PAN-AMAZ%C3%94NIA_Vis%C3%A3o_Hist%C3%B3rica_Perspectivas_de_Integra%C3%A7%C3%A3o_e_Crescimento Acesso em 02/03/2019.

DIRETÓRIO PASTORAL DA ARQUIDIOCESE DE MANAUS: Ano 2015.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Laudato Sí**. Carta encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

KRAUTLER, Erwin. **No coração da Amazônia**. Comissão Episcopal para Amazônia. S/D.

PEREIRA, José Carlos. BORBA, Rodrigo Cerqueira do Nascimento. **Pastoral da ecologia e do meio ambiente**. Brasília: Edições CNBB, 2016.

PLANO DE EVANGELIZAÇÃO DA DIOCESE DE JI-PARANÁ. **Uma Igreja discípula, profética, missionária, sinal do Cristo vivo e libertador**. Ji-Paraná – Ro: Ano 2013.

PLANO PASTORAL DA ARQUIDIOCESE DE BELÉM: 2017-2020.

PONTES, Felício. **Povos da floresta**: cultura, resistência e esperança. REPAM. São Paulo: Edições Paulinas, 2017.

VERZELETTI, Dom Carlos. **Uma Igreja que se aproxima, escuta, ilumina a família, os jovens e as periferias**. Carta Pastoral. Diocese de Castanhal, 2019.

MODINO, Luis Miguel. **Migração, tráfico de pessoas e sínodo**. In: Boletim do Sínodo sobre a Amazônia. N. 4, pag. 7, 20/09/2018 - Assessoria de Imprensa da REPAM-Brasil e Comissão Episcopal Especial para Amazônia/CEA.

Vídeo: <https://youtu.be/LxdZ1XyWGmc>



ARQUIDIOCESE DE BELÉM

Avenida Governador José Malcher, 915, Ed. Paulo VI – Nazaré

66020-255 Belém Pará

curia@arqbelem.org | www.arquidiocesedebelem.com.br